

“Levou uma trouxa de roupa contendo as seguintes peças...”: a indumentária como estratégia na fuga dos escravizados no Recife do século XIX

Dionisio Tito de Barros Neto¹

¹ Graduado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco; Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco; Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas e Doutorando pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: dionisiobarros@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar, por meio dos anúncios de fuga publicados na seção "Escravos Fugidos" e "Fugidas de Escravos" do Diário de Pernambuco (1830–1837), o papel estratégico da indumentária para os escravizados no contexto da fuga. Esta vestimenta servia não apenas como forma de identificação dos escravizados em fuga, mas também como recurso para que pudessem permanecer incógnitos nas ruas da cidade de Recife. Embora diversos estudos tenham analisado os anúncios de fuga com o intuito de compreender as estratégias dos cativos, o papel da indumentária após a fuga tem sido pouco explorado na historiografia brasileira. Diante disso, este estudo busca preencher essa lacuna através da análise documental e da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Escravizados, indumentária, Recife, século XIX, anúncios de fuga.

Abstract

This paper aims to present, through the escape announcements published in the "Escaped Slaves" and "Escaped Slaves" sections of the Diário de Pernambuco (1830–1837), the strategic role of clothing for slaves in the context of escape. This clothing served not only as a form of identification for escaped slaves, but also as a resource for them to remain incognito on the streets of the city of Recife. Although several studies have analyzed escape announcements in order to understand the strategies of captives, the role of clothing after escape has been little explored in Brazilian historiography. In view of this, this study seeks to fill this gap through documentary analysis and bibliographic research.

Keywords: Enslaved people, clothing, Recife, 19th century, escape advertisements.

Introdução

Dentro do sistema escravista, a fuga era uma entre tantas outras formas de resistência adotada pelos escravizados. Ao escaparem do cativo, muitos indivíduos tiveram fragmentos das suas trajetórias registradas pelos olhares de seus senhores, especialmente por meio dos

anúncios de escravizados fugidos que eram veiculados nos jornais brasileiros durante o século XIX.

Por meio desses anúncios, é possível compreender com maior profundidade a presença africana no contexto escravista brasileiro, bem como a diversidade das nações presentes nas cidades escravistas. Esses anúncios nos revelam aspectos importantes sobre os costumes, os laços de solidariedade, as indumentárias e outros elementos culturais que nos permitem acessar fragmentos das lutas e das formas de resistência daqueles foram submetidos ao cativeiro.

Tendo como base esse campo de investigação, buscamos com esse artigo contribuir para o debate sobre a resistência escrava, propondo um novo olhar a essa documentação, através da análise da indumentária enquanto elemento estratégico no contexto de fuga. Por meio do cotejamento de anúncios de fuga veiculados no jornal Diário de Pernambuco entre 1830 e 1837, essa pesquisa busca destacar o papel desempenhado pela seção "Escravos Fugidos", "Fugidas de Escravos" presente no periódico.

Nesse sentido, propomos, por meio da análise documental e da pesquisa bibliográfica, demonstrar como a indumentária poderia ser utilizada como elemento estratégico pelos escravizados após sua fuga. A análise desta documentação nos permite revelar informações valiosas sobre a vida dos cativos e suas formas de resistência naquele contexto histórico.

Adentrando nesse campo de investigação, podemos destacar o trabalho realizado por Gilberto Freyre, que foi pioneiro na utilização dos anúncios de escravizados fugitivos como fonte de pesquisa histórica, inaugurando o que ele próprio denominou de "anunciologia" como campo de estudo, por meio da publicação de seu livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Nesse estudo, Freyre (2015) buscou compreender aspectos culturais, psicossociais e outras particularidades presentes nos modos de vida dos escravizados cativos.

Fazendo uso dessa mesma documentação, diversos pesquisadores também têm investigado estratégias e motivações de fuga, apresentando características físicas e psicológicas dos escravizados, redes de sociabilidade, cultura material, entre outras questões, a partir da formulação de diferentes perguntas e objetivos de pesquisa, conforme sua abordagem teórica e metodológica.

Entre os estudos que utilizaram essa perspectiva de investigação, destacamos a pesquisa de Arthur Danilo Castelo Branco de Souza. Em sua dissertação de mestrado em História, intitulada “Carapuça a quem servir: fugas, roubos e tráfico de escravos no Pernambuco Imperial (1850–1873)”, o autor utilizou os anúncios de escravizados fugitivos como principal fonte para construção de sua análise.

O principal objetivo da sua pesquisa buscou compreender como as evasões contribuíram para a fragilização do sistema escravista na segunda metade do século XIX em Recife. Ao se filiar a uma nova abordagem historiográfica — que percebe os escravizados como protagonistas — Souza (2019) contribuiu para o entendimento de que a abolição da escravatura não foi concedida pelo Estado ou pelas elites, mas que foi uma conquista protagonizada pelos próprios escravizados.

Já em “A formação de uma comunidade africana no Recife oitocentista: escravidão e etnias da diáspora nos anúncios de jornais, 1830–1839”, Deylla Barros utilizou os anúncios como instrumento para compreender a presença africana, por meio do mapeamento das nações presentes em Recife na primeira metade do século XIX.

A autora também apontou, ainda que de modo indireto, as malhas do tráfico e as regiões que mais perderam vidas para o sistema escravista brasileiro. Além disso, sua pesquisa também contribuiu para a reflexão sobre como a identidade brasileira atual é, em grande medida, fruto da influência africana (Barros, 2021).

As pesquisas de Souza (2019) e Barros (2021) são apenas alguns dos vários estudos que utilizaram os anúncios de fuga como documentação para compreender lacunas existentes sobre a experiência dos escravizados na cidade de Recife e no contexto brasileiro. Cabe destacar, contudo, que, apesar de ser uma fonte amplamente explorada no campo da História, ainda são poucos os estudos que se dedicaram a analisar a indumentária das pessoas escravizadas a partir desses registros — sobretudo, quando a indumentária é considerada como um elemento estratégico, tanto durante o momento da fuga quanto no período que lhe sucede.

Observamos na tese de doutoramento intitulada “Visualidades da escravidão: representações e práticas do vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista”, que a autora Patrícia Match de Souza buscou rever o papel atribuído à

indumentária dos cativos. Para tanto, Souza P. (2011) utilizou os anúncios de fuga, aliado a outras fontes históricas, com a finalidade de compreender melhor as formas de vestir dos escravizados.

Em seu estudo, a pesquisadora apresentou duas possibilidades de abordagem para a compreensão da indumentária dos escravizados: a primeira é a do Escravo Vestido, por meio da qual se observa como a classe senhorial percebia esses sujeitos e os descrevia nos anúncios de fuga; a segunda abordagem é caracterizada como a do Escravo Vestindo, que permite compreender os modos de arranjo da indumentária ou, como os cativos imprimiam suas identidades através das roupas que usavam.

Nesse sentido, acreditamos ser possível entender como a indumentária poderia ser útil no momento da fuga e como os escravizados a utilizavam como forma de camuflagem social.

Com o intuito de aprofundar essa questão, o historiador Dionisio Barros Neto investigou, em sua dissertação “A pele que habito: a indumentária de pessoas escravizadas no Recife (1827 a 1835)”, os aspectos gerais do vestir dos escravizados em Recife no período mencionado, a partir dos anúncios de fuga publicados no jornal Diário de Pernambuco. Em seu estudo, Barros Neto (2024) conseguiu identificar itens da indumentária associados a determinadas origens étnicas, tecidos empregados na confecção das roupas, entre outros aspectos envolvendo a roupa como elemento estratégico no contexto de fuga. Sua pesquisa evidenciou que as indumentárias desempenhavam um papel relevante nos anúncios de fuga de pessoas escravizadas.

Do ponto de vista senhorial, a descrição minuciosa das indumentárias dos escravizados despontava como uma importante ferramenta na tentativa de recapturá-los. Presumimos, a partir desta análise, que essas informações ajudariam os responsáveis pela captura a “montar” uma imagem mental dos fugitivos, com base nas descrições publicadas em seções específicas de alguns jornais do século XIX.

Os cativos, por sua vez, tinham conhecimento dessas estratégias adotadas por seus senhores. Assim, podemos supor que, considerando esse contexto, a troca de nome, de vestuário e a mudança de localidade — seja de bairro ou de cidade — eram estratégias utilizadas pelos escravizados para aumentar suas chances de sucesso na fuga.

“Serão bem recompensados do seu trabalho...”

Destacamos que muitos proprietários de escravizados recorriam aos jornais em circulação no século XIX para anunciar a fuga de seus cativos. Essa documentação, produzida por uma classe senhorial que se sentia lesada pela "audácia" cometida pelos escravizados, buscava, por meio da oferta de recompensas, reaver a propriedade perdida com a maior brevidade possível. Cabia, então, ao sujeito "lesado" descrever características particulares e pormenorizadas do escravizado fugitivo.

De acordo com Marcus Carvalho (2010), os anúncios de fuga apresentavam certa neutralidade, uma vez que informavam ao leitor detalhes objetivos, sem "firulas", sobre a aparência do escravizado, além de sua forma de andar, falar, comportar-se, entre outros aspectos que tornavam aquele sujeito único. Desse modo, eram necessárias informações precisas para que o escravizado se tornasse inconfundível nas ruas e, conseqüentemente, pudesse ser recapturado.

Para Maria Ângela de Faria Grillo (1989), as qualidades do escravizados eram ocultadas nesse tipo de anúncio, uma vez que o senhor estava “reclamando-o”. Como exemplo das descrições relatadas pelos autores, o anúncio de fuga do africano da nação Camundongo, João, permite-nos compreender, com certa riqueza de detalhes, quem era esse sujeito sob a ótica de seu senhor.

Em 20 do presente mês de dezembro, fugiu um do nome João Camundongo; representa a idade de 25 anos, bem conhecido nos portos da Cidade de Olinda e do das canoas, por bom canoeiro. Levou camisa ordinária de algodãozinho, e calça de duraque preto, estatura ordinária, bem pretona cor, bem feito de corpo, pernas, e pés; **logo abaixo do olho direito um pequeno sinal como de aranhão; por cima do peito esquerdo uma marca de fogo [Símbolo, um V de cabeça para baixo], no braço direito e no lugar em que se costume vacinar uma marca couro de vacina do tamanho de um grão de milho, ao lado direito do canto da boca, um distância de uma polegada, outro sinal quase do tamanho do antecedente, braços alguma coisa cabeludos, e as pernas em maior quantidade, sobre a ponta de dentro, outra marca, muito vivo, e falando, explica-se muito bem: quem tiver noticia,**

ou o amarrar, pode procurar o depósito d'água ao pé da casa da Opera, que será bem recompensado do seu trabalho. (Diário de Pernambuco, 24/12/ 1830, n. 0555). (grifo meu).

É possível observar no anúncio acima o dia em que o africano João fugiu, sua indumentária, o ofício exercido e os detalhes de sua aparência - tais como: um pequeno sinal, marca de fogo, marca de vacina do tamanho de um grão de milho, entre outras informações que, segundo o crivo de seu proprietário, seriam de grande valia para que João se tornasse reconhecível por aqueles que o procuravam.

Esses pequenos detalhes narrados nos jornais da época nos permitem entender as diversas formas encontradas pelos escravizados para resistirem à escravidão, suas possíveis motivações de fuga e laços de solidariedade construídos entre eles, fundamentais à sobrevivência daqueles que eram submetidos ao cativeiro.

Após fugir, os escravizados buscavam diversos meios para permanecerem incógnitos. Como exemplo desta situação podemos citar o caso do africano da nação Rebolo, João, que permaneceu por cinco anos em um sítio “ao pé do Campo Grande”. Seu anúncio, veiculado em 6 de maio de 1837, informava que João já havia fugido anteriormente, mencionando, inclusive, detalhes dessa outra ocasião de fuga. Sua proprietária, Narcisa Jose da Costa, ao destacar esse fato, oferecia um possível caminho a ser seguido pelos envolvidos durante sua nova captura.

Considerando o longo tempo decorrido, era possível supor que João tivesse estabelecido laços afetivos no local que outrora havia fugido — e, assim, seria para aquela mesma localidade que ele provavelmente retornaria. A partir dessas informações, os responsáveis pela captura deveriam iniciar sua busca por essa mesma região (Diário de Pernambuco, 06/05/1837, n. 098).

Além desses relatos, Narcisa (possível proprietária) também descreveu como percebia seu cativo. Para ela, João era um homem entre 30 e 35 anos, de estatura mediana, corpo robusto, pouca barba, dentes ausentes na parte frontal e de queixo fino. No momento da fuga, usava camisa de chita da cor azul, calça branca já velha e suja, além de um chapéu de palha, também velho (Diário de Pernambuco, 06/05/1837, n. 098).

Podemos observar que no contexto da captura, era fundamental que, além das características físicas, fossem fornecidas informações sobre a indumentária. Quanto mais

detalhadas fossem as descrições, maiores seriam as chances de recuperar a "propriedade perdida". Ao analisar os anúncios de fuga, notamos a recorrência de informações sobre as roupas utilizadas ou levadas pelos cativos, que se tornavam um elemento crucial para sua identificação.

Em um outro anúncio, observamos que, mesmo após o decurso de vários dias, Agostinho Bezerra, proprietário de dois escravizados fugidos, comunicava, em 21 de maio de 1830, as vestes utilizadas no momento de suas fugas.

Um deles era Boaventura, africano da nação Congo, que, segundo o proprietário, tinha "ar alegre", cabeça pintada de branco e aparentava ter entre 30 e 35 anos de idade. Boaventura havia levado, em 11 de março daquele ano, camisa e ceroula de algodão, baeta vermelha e chapéu de timbó de aba larga. Apesar do tempo decorrido, Agostinho ainda considerava relevante informar tais detalhes.

O outro cativo, Simião — também africano da nação Congo — havia fugido em 16 de novembro de 1829 com trajes semelhantes: camisa e ceroula de algodão, baeta vermelha e chapéu de palha grossa e pequeno (Diário de Pernambuco, 21/05/1830, n. 387).

A descrição da indumentária de Boaventura e de Simião, mesmo após considerável tempo da fuga, evidencia a precariedade do acesso às vestes entre os escravizados. O proprietário acreditava que, mesmo passado meses, aquelas roupas ainda poderiam estar com os cativos — ou, ao menos, servir de pista para obter sua localização.

Outro caso que denota essa condição é o anúncio de Izidoro, um crioulo de 20 a 21 anos, que trabalhava como pedreiro. Sua fuga, comunicada em 5 de julho de 1834, indicava que ele havia escapado em 22 de junho daquele mesmo ano, trajando uma calça de riscado azul com listras nas costuras, semelhantes a fitas, além de camisa de bretanha. Além do vestuário, seu senhor também informou que o escravizado estaria circulando pelos bairros centrais de Recife e alertava para a possibilidade de o cativo ter trocado suas roupas (Diário de Pernambuco, 05/07/1834, n. 428).

O anúncio de Izidoro nos revela ainda outra vivência da escravidão: nem todos os cativos fugiam para longe dos seus senhores. Muitos mudavam apenas de bairro. Segundo o anúncio

relatado, mesmo fugido, Izidoro poderia estar circulando entre os bairros do Recife, Santo Antônio e Boa Vista - áreas centrais e densamente povoadas da cidade àquela época.

Na obra “Entre sobrados e mucambos: escravidão e resistência negra no Recife oitocentista (1830-1850)”, Wellington Barbosa da Silva destaca que, embora alguns escravizados tenham recorrido às matas, à formação de quilombos e outras estratégias de fuga rural, muitos desses optaram por se esconder no espaço urbano.

Utilizando diversas fontes — incluindo anúncios de fuga — o autor demonstra que haviam freguesias da cidade de Recife que funcionavam como verdadeiros refúgios. Como exemplo dessa condição, cita a freguesia de São José, localidade onde moravam muitas pessoas livres e de baixa renda, egressos da escravidão e brancos pobres (Silva, 2022).

Além dos aspectos geográficos que envolviam as fugas, o autor também destaca que algumas fugas eram temporárias e funcionavam como forma de descanso ou de busca por uma liberdade momentânea. Marcos Carvalho (2010) e Silva (2022) apontam que esse tipo de fuga era, até certo ponto, “tolerado” dentro da lógica escravista, pois, os cativos utilizavam essas escapadas para reatar seus laços afetivos, através de visitas a parentes consanguíneos ou de sua convivência.

Os pesquisadores João José Reis e Eduardo Silva distinguem dois tipos de fuga: as reivindicatórias e as de rompimento. As primeiras eram escapadas com intenção de retorno, muitas vezes planejadas para datas festivas ou em ocasiões específicas, que serviam para visitar familiares, amigos ou parceiros amorosos. Já as fugas de rompimento, indicavam apenas a intenção de abandono definitivo do cativeiro, sem a intenção de retorno (Reis e Silva, 2009).

Essas afirmações revelam que as fugas possuíam diferentes especificidades e motivações. Para coibir sua prática, a vigilância sobre os escravizados nas ruas era constante. Esse posicionamento pode ser observado através de um recorte apresentado no jornal Diário de Pernambuco sobre uma Postura Municipal a qual determinava que, após o toque de recolher, nenhum cativo poderia circular pelas ruas sem portar um bilhete contendo seu nome, a tarefa a qual ele/ela iria realizar, o nome do seu senhor e a data do dia (HDBN, Diário de Pernambuco, 13/12/1831, n. 264). Esta norma buscava restringir o trânsito noturno dos cativos e, possivelmente, conter as fugas nesse período.

Mesmo com a promulgação da Postura Municipal naquela época, isso não impediu que as fugas noturnas continuassem acontecendo. Como exemplo, trazemos o anúncio de fuga do africano Francisco, que não mencionava os trajes usados no momento da sua escapada durante a madrugada, possivelmente, porque ninguém o viu ou soube informar o que vestia.

Com a ausência dessa informação, restou ao seu proprietário apenas registrar que Francisco, de 14 ou 15 anos de idade, falava tão bem o português que parecia crioulo, e que tinha “dois dentes fora adiante” (HDBN, Diário de Pernambuco, 04/07/1833, n. 121).

Além das roupas utilizadas pelos escravizados no momento da fuga, era fundamental, do ponto de vista senhorial, a descrição dos objetos levados ou furtados pelos cativos. Essa prática pode ser observada no anúncio de fuga do crioulo Silvestre:

Na noite de 5 para 6 do corrente fugiu um preto crioulo por nome Silvestre com os sinais seguintes: cabeça redonda, rosto carnudo, com uma fístula da parte esquerda, com uma ferida no beíço de baixo, olhos grandes, corpo grosso e altura regular, **levou uma trouxa de roupa contendo as seguintes peças: 9 camisas de homem, 5 calças brancas de brim trançado, 3 jaquetas, uma preta e 1 de brim branco, e outra escura, uma calça de pano fino azul, 1 boné, 1 par de sapatos, e mais outras coisas que se ignora;** qualquer Capitão de campo que o pegar levem-o a rua Nova D. 15, que será bem recompensado. (Diário de Pernambuco, 08/05/1837, n. 099). (Grifo meu).

No anúncio acima observamos que não é informado se as roupas levadas por Silvestre eram fruto de roubo ou se pertenciam ao próprio cativo. Ainda assim, a presença dessas peças nos revela dois aspectos importantes: a quantidade e qualidade das vestimentas descritas.

Com base nessas informações é possível supor que essas peças não eram de propriedade do escravizado fugitivo. Embora diversos anúncios mencionem que cativos levavam vestimentas consigo, as peças descritas nesse caso se destacam pela qualidade superior, algo incomum entre as pessoas escravizadas.

Diante da dificuldade de acesso à indumentária, Silvestre pode ter se precavido, levando consigo a maior quantidade possível de roupas, seja para utilizá-las como mecanismo de disfarce, seja para comercializá-las. As camisas “de homem”, a calça de pano “fino” (termo

empregado à época para referir-se a tecidos de boa qualidade) e, especialmente, o par de sapatos - artigo raro entre os escravizados – indicam, possivelmente, que tais itens não eram de sua posse original.

Por meio desses objetos e de sua indumentária, Silvestre poderia construir uma imagem que o desassociasse da condição de escravizado. Dessa maneira, quando estivesse circulando pelas ruas de Recife (ou de outras localidades), ele poderia ser percebido como sujeito livre ou forro. O uso de roupas e sapatos bem cuidados funcionava como uma estratégia que oferecia menos riscos de ele ser reconhecido ou abordado como cativo fugitivo.

No caso apresentado, não era possível alterar as características físicas. Dessa maneira, a troca da indumentária exercia o importante papel de mudança de identidade. Esta estratégia era, talvez, a forma mais acessível aos escravizados para modificar a imagem propagada pelos senhores nos periódicos da época.

A mesma estratégia pode ter sido utilizada pelo escravizado Pedro - com aproximadamente 20 anos - cujo anúncio de fuga, publicado em 11 de setembro de 1835, informava que ele também havia levado consigo diversas vestes, o que levanta a hipótese de que ele teria trocado de roupa durante a fuga (Diário de Pernambuco, 11/09/1835, n. 170). O caso de Pedro nos mostra que a partir das vestimentas levadas, o cativo poderia tentar se passar por forro, aumentando, assim, suas chances de êxito no plano de fuga.

Nesse aspecto, é importante destacar que a decisão de levar ou não roupas adicionais dependeria, possivelmente, do destino pretendido pelo fugitivo, do horário da fuga e de outros fatores logísticos para tornar possível seu objetivo. Carregar consigo uma trouxa de roupas pela cidade, mesmo à noite, poderia chamar atenção e comprometer o processo de fuga. Os olhares vigilantes da cidade estavam sempre atentos à presença dos escravizados nas ruas, especialmente durante o período noturno.

Retomando descrições das fugas noturnas, podemos citar o caso das escravizadas Bona e Maria, que foram presas por estarem circulando à noite no bairro de Santo Antônio. A suspeita relatada no anúncio publicado era de que ambas as mulheres estivessem em fuga (HDBN, Diário de Pernambuco, 04/10/1837, n. 213).

Os episódios relatados também nos evidenciam que os escravizados, ao fugirem, articulavam estratégias complexas para a fuga, que iam além do horário mais oportuno para escapar. Eles também mobilizavam suas redes de apoio, buscando ampliar suas chances de êxito em seu plano de viver fora do cativo.

Um claro exemplo da busca pelas redes de apoio aparece em 23 de novembro de 1837, quando foi noticiado que Francisca das Chagas, uma mulher parda, havia sido presa sob a acusação de guardar em sua casa objetos furtados e de acobertar escravizados fugidos (HDBN, Diário de Pernambuco, 25/11/1837, n. 256).

A existência das redes de apoio também é destacada por Silva P. (2011: 89), que relata:

[...] a cidade-cativeiro poderia se tornar uma cidade esconderijo, graças à ação solidária de alguns escravizados que acolhiam seus irmãos de calvário em momentos de fuga - abrindo as portas de suas moradias ou de seus locais de trabalho para escondê-los.

Decerto, no caso apresentado, Francisca das Chagas não era uma pessoa escravizada, embora muitos cativos custeassem seu próprio sustento, "vivendo sobre si". É possível que ela fosse uma egressa do cativeiro e, ao possuir uma morada, passasse a acolher aqueles que buscavam abrigo, como sugere o anúncio com a motivação de sua prisão. Era rotineiro nesses casos que, diante das adversidades da fuga, o cativo fugido recorresse a pessoas de confiança, lançando mão dos recursos disponíveis para permanecer longe da condição de escravizado.

Elucidados esses aspectos, retomamos, então, para o papel das indumentárias como uma ferramenta estratégica para a fugas dos escravizados cativos. Para tanto, apresentamos o caso do africano de Angola, Antônio, que, ao fugir, ausentou-se vestindo calça, camisa branca e uma carapuça inglesa (HDBN, Diário de Pernambuco, 16/12/1837, n. 272).

Em seu anúncio é relatado que a carapuça utilizada por ele funcionava como disfarce, ocultando parcialmente seu rosto. Para manter-se incógnito, os cativos lançavam mão de estratégias como a troca de roupa – considerada uma forma eficaz de despistar aqueles que os procuravam. Deste modo, levar consigo mais vestimentas era uma prática recorrente, uma vez que a indumentária constituía um dos principais meios de reconhecimento nas ruas.

Outro anúncio que ilustra essa prática, refere-se a um africano "do gentio de Angola", que fugiu do Engenho Maciape. Segundo o informe publicado, ele levava consigo uma calça e uma camisa de Hamburgo, mas provavelmente teria trocado de roupa durante a fuga, já que carregava mais indumentárias consigo (HDBN, *Diário de Pernambuco*, 11/09/1835, n. 170).

Uma situação parecida pode ser observada no anúncio referente à africana Joaquina, de nação Cassange, que trajava camisa de algodãozinho, saia de chita usada e baeta preta já velha. Nesse caso, também foi alertado que ela provavelmente já havia mudado de roupa (HDBN, *Diário de Pernambuco*, 14/07/1830, n. 427).

Não era incomum encontrarmos nos jornais do século XIX anúncios repetidos sobre escravizados fugidos, ou mesmo registros que revelavam as "andanças" dos cativos após a fuga. Tal situação pode ser observada no caso do cativo Eloi, conforme o anúncio a seguir:

No dia 21 de Dezembro p. p. fugiu de bordo da Escuna Juvina um preto marinho por nome Eloi, estatura regular, cheio do corpo, barbado, com suíças, os dois dentes da frente da parte de cima abertos e limados; levou camisa de baeta encarnada, uma calça de pano branco suja de alcatrão, e carapuça velha: **á notícias que já mudou o traje, e que anda com calça branca velha, e camisa de riscado, e chapéu de palha, e tem sido visto nesta praça:** os empreendedores levem-no a rua da Madre de Deus loja n. 12, que receberão 100\$ réis de gratificação. (*Diário de Pernambuco*, 11/01/1836, n. 07). (grifo nosso).

Com base no anúncio acima, podemos perceber que era importante descrever as vestes usadas no momento da fuga. Contudo, mais importante ainda era informar por onde o cativo havia sido visto e quais trajes utilizava naquele momento. Sabendo, portanto, como se vestia e por onde transitava, tornava-se mais fácil, em tese, reaver o escravizado.

Outra observação relevante é a descrição detalhada das vestes levadas. Cores, tecidos e tipos de indumentária eram informados com o intuito de criar imagens mentais do cativo, que seriam úteis para identificá-lo nas ruas, arrabaldes ou sítios de Recife, assim como em outras províncias.

Um caso que exemplifica essa situação pode ser observado através do anúncio de João, africano da nação Camundá, de aproximadamente 70 anos. Segundo sua publicação, João fugiu

vestindo ceroula de estopa e camisa de baeta encarnada, levando toda sua roupa dentro de um saco (HDBN, Diário de Pernambuco, 09/08/1837, n. 171). Um caso semelhante é descrito através do anúncio da escravizada Delfina, que fugiu levando vestido de chita azul-escuro com “palminhas amarelas”, um xale e uma trouxa de roupas com vestidos de diferentes cores (Diário de Pernambuco, 01/09/1836, n. 189).

Nas duas situações representadas, as roupas levadas por Delfina e por João poderiam funcionar como uma espécie de “camuflagem social” durante o período de pós-fuga. A troca constante das vestimentas era uma estratégia costumeiramente utilizada para confundir aqueles que os procuravam.

Essa estratégia também pode ser percebida no anúncio da escravizada Jozefa, que utilizava das vestes como forma de ludibriar aqueles que a perseguiram. Segundo seu anúncio, a mulher escravizada costumava mudar de traje para não ser reconhecida nas ruas (Diário de Pernambuco, 20/11/1832, n. 528).

Já no caso do africano da nação Angola, Joaquim, foi informado que ele fugiu vestindo calça de brim, camisa de algodãozinho, suspensórios de algodão “de meia com uma listra comprida azul” e chapéu de palha velho. No entanto, seu anúncio alertava que era provável que ele tivesse mudado de roupas, pois levava uma trouxa com rede velha, lençol, camisa de algodãozinho, um colete de fustão branco acolchoado, uma camisa de paninho de pretas e montaria, outra de bretanha e uma calça de cetineta (Diário de Pernambuco, 18/10/1832, n. 501).

O historiador Arthur Souza (2019:67) reforça a proposição do uso de indumentárias como disfarce. Para ele “o andar bem vestido e calçado, fugir com diversas roupas, seria uma maneira a mais de ludibriar as autoridades e desviar os olhares atenciosos, já que as posturas municipais controlavam até mesmo a forma de se vestir”.

No contexto dos anúncios observamos a importância das vestes para os escravizados. Como já mencionado, as roupas, muitas vezes, constituíam todos os bens que os escravizados fugitivos possuíam. Assim, ao deixarem o cativeiro, levavam consigo aquilo que lhes era mais precioso.

Por outro lado, a descrição feita pela classe senhorial nos permite compreender com mais detalhes os modos de vestir da população escravizada, possibilitando até mesmo identificar possíveis predileções e estilos específicos de determinadas nações africanas.

Outro ponto que precisamos destacar sobre as vestimentas é que embora os escravizados compartilhassem da mesma condição jurídica, o acesso às roupas era vivenciado de forma distinta, sobretudo no contexto urbano. Os ofícios desempenhados na urbe, bem como a condição financeira dos senhores, podiam influenciar diretamente a prática do vestir entre os cativos.

De acordo com Patrícia March de Souza (2011), um aspecto relevante sobre a aquisição da indumentária entre os escravizados diz respeito àqueles que exerciam o "ganho", isto é, que realizavam atividades remuneradas nas ruas, ficando com parte dos lucros. Para a autora, os escravizados de ganho poderiam ter um acesso ampliado à aquisição material e simbólica das vestes.

Além disso, é fundamental destacar que a prática do vestir não era homogênea entre a população escravizada, como muitas vezes é retratada em produções audiovisuais contemporâneas. Segundo Souza (2011, p. 186), “a roupa seria uma das formas possíveis de manifestação material individual e coletiva de homens e mulheres submetidos à escravidão.”

Sobre esse aspecto é importante destacar que os anúncios de fuga veiculavam a visão dos senhores sobre os cativos, não a dos próprios escravizados. Esses eram, portanto, produtos de um olhar senhorial, filtrados por “lentes” que carregavam os valores e interesses da classe dominante.

Apesar da limitação observada com o uso dessas fontes, é possível perceber que os sujeitos submetidos à escravidão imprimiam suas predileções e anseios por meio da indumentária, utilizando-a como forma de manifestação material de identidade e pertencimento a grupos, inclusive, étnicos.

Como exemplo desta perspectiva, o historiador Barros Neto (2024) identificou o uso recorrente de colares de miçangas e panos da costa entre as africanas, a partir da análise dos anúncios de escravizados fugidos. Tal padrão nos sugere uma possível associação étnica manifestada por meio da indumentária.

Podemos evidenciar esta condição através do anúncio referente ao caso de Maria Rita, do gentio de Cabinda. A mulher cativa, ao ter sua fuga anunciada, foi descrita com riqueza de detalhes sobre sua indumentária: vestia uma saia preta, um pano azul e colares de miçangas azuis no pescoço (HDBN, Diário de Pernambuco, 23/01/1836, n. 18).

O "pano" mencionado no anúncio pode ter sido um pano da costa, que, além de possibilitar o transporte de crianças junto ao corpo da mãe, também poderia expressar vínculos com grupos sociais específicos. Já os colares de contas — as miçangas, além do valor estético, poderiam carregar significados religiosos e atuar como elementos de proteção espiritual.

Assim, os anúncios de escravizados fugidos guardam informações valiosas, não apenas para a compreensão da cultura material e simbólica daqueles submetidos à escravidão, mas também para o entendimento das formas de resistência escrava, como muitos historiadores têm apresentado.

Por esse motivo, acreditamos que a relação entre a indumentária e a fuga é uma temática que merece ser melhor estudada e compreendida. Devemos entender que as estratégias de fuga eram singulares. Cada escravizado planejava meios particulares para garantir sua fuga, valendo-se das condições às quais tinha acesso e estava submetido no espaço de seu cativeiro.

Sobre isso, o anúncio de fuga de Luiz, um escravizado africano da nação Angola, chama nossa atenção. Nele, a notícia informava que o cativo era “[...] muito esperto, e talvez ande calçado fazendo-se forro, com sapatos, calça branca de brim, camisa de pregas, sobrecasaca de duraque, e chapéu de palha pintada [...]” (HDBN, Diário de Pernambuco, 2 de dezembro de 1833).

Apesar da hipótese apresentada no jornal, não é possível presumir que todos os cativos utilizassem sapatos para se passar por forros e obter êxito em suas fugas. O caso anunciado revela nuances das estratégias de construção de imagem. Luiz pode ter utilizado roupas que não eram comuns no cotidiano dos cativos — ao menos é isso que indicam as análises dos seus anúncios de fuga — com o intuito de deixar a província e se passar por forro.

Somados aos sapatos, a camisa de brega e a sobrecasaca de duraque compunham uma aparência cuidadosamente elaborada para dissociá-lo da condição de escravizado. Assim, o ponto central de sua aparência não estava apenas nos sapatos, mas em todo o conjunto de

vestimentas mobilizado por ele, com o objetivo de produzir uma imagem que o permitisse ser percebido como um homem livre.

Referente a esse caso, ainda podemos destacar que o tecido utilizado em sua sobrecasaca era de qualidade superior àqueles comumente empregados na indumentária dos escravizados. O duraque possuía um valor mais elevado do que a chita. Assim, o uso desse tecido podia conferir outro *status* social a quem o vestisse. Luiz pode ter se apropriado desse simbolismo ao vestir tais peças para se passar, supostamente, como forro.

Para se ter uma ideia, o côvado do tecido duraque preto com riscas custava 320 réis, ao passo que o côvado da chita variava entre 100 e 180 réis na loja de “Fazendas Baratas” de João Carlos Pereira de Burgos (HDBN, Diário de Pernambuco, 09/09/1829, n. 192).

Reiteramos, contudo, que os tecidos utilizados por Luiz não eram comuns aos cativos àquela época. No caso dos homens escravizados, os tecidos mais utilizados eram: algodão, algodãozinho, brim, estopa e estopinha. Já o duraque, por exemplo, era muito menos recorrente (BARROS NETO, 2024).

Além da riqueza de detalhes quanto aos aspectos estéticos das indumentárias, percebemos que a prática do furto de roupas, frequentemente anunciadas nos periódicos como Diário de Pernambuco era uma realidade presente entre os escravizados. Em alguns anúncios, há clara menção que os escravizados em fuga levavam consigo, além de suas vestes, “porções de roupa” resultantes de furtos.

É possível evidenciar situações como essa através do anúncio do escravizado Raimundo, natural da Vila do Icó (HDBN, Diário de Pernambuco, 03/12/1834, n. 551). Outra notícia dava conta de que o crioulo Bento teria levado mais roupas além daquelas que ele trajava no momento da fuga:

“[...] calça de brim, e camisa de madapolão, e na ocasião de fugir furtou um baú com roupa, e mais uma jaqueta de riscado amarelo, um chapéu de sol de seda verde, com colete de seda preta, uma camisa de madapolão de pregas, 2 relógios, um par de sapatos e um de botins. (HDBN. Diário de Pernambuco, 20/07/1835, n. 129).

Dessa forma, observa-se que o uso de vestimentas de melhor qualidade, confeccionadas com tecidos mais nobres, podia ser adotado como uma estratégia utilizada por Bento, Luiz e tantos outros escravizados com o objetivo de permanecerem incógnitos em meio ao espaço social que habitavam.

No contexto da fuga, é possível afirmar que pessoas escravizadas cativas demonstravam compreensão sobre os mecanismos de vigilância e captura que operavam ao seu redor. Por essa razão, recorriam à troca de roupas e ao uso de indumentárias mais refinadas como forma de construir uma imagem social distinta — mais próxima da aparência de sujeitos forros.

Além disso, é recorrente nos anúncios de fuga, conforme observamos ao longo desse artigo, a descrição de roupas gastas e surradas, que evidenciam o contraste entre o vestuário cotidiano dos cativos e as roupas utilizadas nas fugas. Esse contraste também nos revela a importância da indumentária como elemento central nas estratégias de evasão e ocultação da própria identidade.

Considerações finais

As fugas dos escravizados no Brasil do século XIX revelam um cenário complexo de resistência e busca por liberdade. Os anúncios de fuga, publicados nos jornais da época, constituem um rico acervo documental que nos permite compreender aspectos da vida e das estratégias adotadas por pessoas escravizadas cativas. Esses anúncios, não apenas detalham características físicas e indumentárias dos escravizados, mas também oferecem meios para a compreensão de suas origens étnicas, culturais e de modos de viver.

Neste trabalho, buscamos evidenciar a indumentária como uma estratégia costumeiramente utilizada no contexto da fuga. Ao longo do artigo, procuramos demonstrar a importância atribuída à indumentária nos anúncios de fuga presentes nos jornais da época. Evidenciamos que a descrição das roupas ocupava um papel central no processo de identificação e de captura dos fugitivos.

Partindo do pressuposto de que os escravizados compreendiam esse aspecto, acreditamos que muitos se apropriavam intencionalmente da troca de roupas como tática para permanecerem

incógnitos pelas ruas de Recife. Levavam consigo outras vestes em sacos, trouxas, baús, que eram de propriedade do cativo ou fruto de roubos que, posteriormente, poderiam ser utilizados para troca.

Os escravizados sabiam que suas roupas seriam descritas de forma minuciosa nos anúncios, e por esse motivo, a mudança de indumentária era uma forma de ludibriar aqueles que estavam em sua busca. Além disso, as indumentárias poderiam representar o único bem material acumulado ao longo de uma vida em cativeiro. Assim, elas também representavam seus “bens móveis”.

Dessa forma, a indumentária, no contexto das fugas, assumia múltiplas funções que não se excluíam, mas se complementavam. Levar consigo diferentes peças de roupa poderia atender a diversas necessidades simultâneas, como a troca de vestuário para despistar perseguidores ou carregar todos os bens adquiridos ao longo de uma vida de trabalho forçado.

Referências bibliográficas

BARROS, Deylla da Silva. A formação de uma comunidade africana no Recife oitocentista: escravidão e etnias da diáspora nos anúncios de jornais, 1830-1839. Dissertação (Mestrado profissional em Culturas Africanas) – Universidade de Pernambuco, Programa de Pós-graduação Profissional em Culturas Africanas, Da Diáspora e dos Povos Indígenas – PROCADI, Garanhuns, 2021. Disponível em: https://w2files.solucaoatrio.net.br/atrio/upe-gacadpi_upl//THESIS/18/dissertao_deylla_barros_20210820151233389.pdf. Acesso em 27 jun. 2024.

BARROS NETO, Dionisio Tito de. “*A pele que habito*”: a indumentária de pessoas escravizadas no Recife (1827-1835). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2024. Disponível em: https://ichca.ufal.br/pt-br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado-em-historia/documentos-1/banco-de-dissertacao/2021/dissertao_-_dionisio_netto.pdf/view. Acesso em 28 jun. 2024.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. 2ªed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *O cotidiano da escravidão em Pernambuco (1850-1888)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, 1989.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. Companhia das letras, 2009.

SOUZA, Arthur Danilo Castelo Branco de. *Carapuça a quem servir: fugas, roubos e tráfico de escravos no Pernambuco Imperial (1850-1873)*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33115>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOUZA, Patricia March de. *Visualidade da escravidão: representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista*. 2011. Tese (doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17541/17541_1.PDF. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Wellington Barbosa da. *Entre sobrados e mucambos: escravidão e resistência negra no Recife oitocentista*. Recife: Ed. UFPE, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/786>. Acesso em 19 jun. 2024.

Artigo Submetido em: 10 de julho de 2024
Aceito para publicação em: 15 de maio de 2025